

A Filosofia da Mente no Século XXI

The Philosophy of Mind in the 21st Century

João de Fernandes Teixeira
(Universidade Federal de São Carlos, Brasil)

Resumo

O artigo aborda o estado da arte da filosofia no século XXI a partir de uma análise do problema mente-cérebro. A proposta é que esse problema seja abordado com as ferramentas disponibilizadas pela Ciência Cognitiva e pela Psicologia. O foco da abordagem deve ser a psicologia popular, pela sua robustez e paraconsistência.

Palavras-chave: Problema mente-cérebro. Ciência cognitiva. Psicologia. Psicologia popular. Paraconsistência.

Abstract

The article addresses the state of the art of philosophy of mind in the 21st century from an analysis of the mind-brain problem. The proposal is that this problem be addressed with the tools provided by Cognitive Science and Psychology. The focus of the approach is an analysis of popular psychology, due to its robustness and paraconsistency.

Keywords: Mind-brain problem. Cognitive science. Psychology. Folk psychology. Paraconsistency.

1 Introdução

Filosofia da mente é um estilo de filosofar que nos últimos anos vem recolocando questões centrais da filosofia como: O que é o pensamento? Qual a natureza do mental? O que é consciência? Será o cérebro o produtor da mente? Ou apenas o seu hospedeiro biológico?

Estas questões são indagações cotidianas. É nesse sentido que a filosofia da mente se apresenta como uma autêntica *philosophia perennis*, ou seja, uma inevitável inquietação humana. Ela parece basear-se na nossa percepção popular do mundo; de um mundo povoado por objetos físicos visíveis, que não tem nenhuma similaridade com o que chamamos de mental. A ciência teria contribuído para reforçar esta assimetria, mostrando-nos que no cérebro não podemos identificar pensamentos, mas apenas neurônios e tempestade elétrica.

A data oficial do surgimento da filosofia da mente é 1949, ano em que foi publicado o livro clássico do filósofo britânico Gilbert Ryle, *The Concept of Mind*. Ryle achava que a ideia de mente seria uma doença da nossa linguagem que teria pervertido nossa razão. A linguagem teria nos levado à ilusão de que, para além de nossas faculdades e disposições mentais haveria uma substância subjacente, comum a todas elas e que as coordenaria. Essa substância fantasmagórica foi indevidamente chamada de “mente” e, desde então, sobre essa pressuposição metafísica teriam nascido os emaranhados e insolúveis problemas da filosofia da mente.

Uma das propostas centrais da filosofia da mente – e também seu caráter distintivo em relação à abordagem tradicional dos problemas tratados por ela – é a ideia de sua reflexão ser impura, tendo de estar em constante interação com as disciplinas empíricas que tratam do

mental. Os filósofos teriam de sujar as mãos abandonando o pressuposto de que seria possível distinguir completamente entre análise conceitual e história natural.

2 O Contexto do surgimento da Filosofia da mente na contemporaneidade

Para muitos historiadores da filosofia, a filosofia da mente teria surgido da exaustão de dois movimentos psicológicos fundamentais do século XX: o behaviorismo e a psicanálise. A leitura do behaviorismo, feita pelos cientistas cognitivos é errônea - como, aliás, já insisti em outro lugar - e peca pela adoção de uma visão monolítica deste movimento na qual behaviorismo metodológico e behaviorismo radical são tratados como uma e mesma coisa. É difícil ainda admitir, mas, se nos livrarmos desses preconceitos passaremos a ver Skinner como um dos maiores filósofos da mente do século XX.

A psicanálise está congelada. Seu maior problema como movimento teórico e cultural seria ter caído na esparrela da cultura que se reproduz de maneira idêntica, da mesma maneira que uma língua que não se fala mais, que não se inventa mais, que se quer preservar na sua pureza sem que se a deixe contaminar por outras línguas tornando-se assim uma língua morta. Apesar de muitas tentativas de revisão e aprofundamento do discurso freudiano a psicanálise acabou se tornando um gueto cultural do século XX, um gueto que enfrenta uma condenação à morte por não se deixar transformar.

A psicanálise nunca se preocupou com o problema mente-cérebro, por considera-lo um problema de solução impossível, adotando assim uma postura kantiana implícita. A psicanálise não fala do problema mente-

cérebro por considerar impossível uma correlação entre os níveis subpessoal e pessoal do discurso sobre o psiquismo.

Tentar encontrar caminhos entre estes dois níveis ou tentar reconstruir uma suposta filosofia da mente de Freud é misturar registros discursivos diferentes e incomunicáveis. A grande manobra efetuada por Freud foi tornar pessoal o discurso sobre o subpessoal, além de tornar a neurociência uma metáfora heurística que dispensa a precisão e a objetividade de uma ciência positiva. O problema da psicologia é um problema com as metáforas, com as boas e as más metáforas. Esta foi a percepção de Freud e mais tarde a de Lacan que precisou, neste sentido, reformar, por exemplo, a ideia de causalidade projetada para a relação entre o consciente e inconsciente dada pela metáfora cotidiana da relação causal entre níveis subpessoal (cerebral) e pessoal (psicológico) entendidos como uma relação entre níveis “de baixo” “para cima”. O inconsciente não é uma coisa que tenha um *topoi* abissal que influencia causalmente o consciente.

Existe, contudo, uma outra possibilidade de junção entre filosofia da mente e psicanálise que poderíamos explorar. Uma leitura psicanalítica da história das ideias na segunda metade do século XX poderia nos levar à conclusão (não muito surpreendente) de que o aparecimento da filosofia da mente seria mais um episódio de retorno do reprimido. Este reaparece de vez em quando no horizonte de nossas reflexões para reforçar nossos desejos acerca de nossa própria natureza e de nossa vontade de poder – traduzida na nossa vontade de nos provarmos, usando somente a razão, que somos eternos - valendo-nos de teorias psicológicas em

vez de autobiografias. Para os filósofos, ela não é nada mais do que mais uma cilada que a razão elaborou para si mesma; uma cilada na qual fingimos não querer cair, mas que, na verdade, nos coloca numa posição confortável na medida em que nos cria ilusões reconfortantes. Não escondo uma certa simpatia por esta visão, mas não concordo com ela *in toto*.

Os desdobramentos recentes deste tipo de cilada não deixam, porém, de nos chamar a atenção. Um dos mais interessantes foi proposto por Harry Harrison e Marvin Minsky, um dos pioneiros da inteligência artificial. Minsky achava que a mente era um *software* do cérebro e que um dia poderíamos fazer o *download* completo dessa mente para algum tipo de mídia. O mental teria atingido a imortalidade; não poderíamos destruí-lo, pois, destruir um *software* seria tão impensável quanto destruir o conceito de um triângulo. Esta é a alegoria de seu livro de maturidade, *The Turing Option*, no qual ele propõe uma espécie de criogênese digital.

Mas além de identificar na filosofia da mente o retorno do reprimido, passadas seis décadas de sua existência interdita, está na hora de perguntarmos o que teríamos obtido com ela. O que teria acontecido com o problema mente-cérebro-consciência neste novo enfoque de reflexão filosófica? Não acredito que este seja um pseudoproblema nem tampouco que possa ser pura e simplesmente dissolvido pela análise da psicologia popular como já sugeriram, por exemplo, os materialistas eliminativos. As tentativas de redução do problema mente-cérebro numa oscilação histórica entre interdiscip (reducionista) e interdi tampouco parecem ser bem-sucedidas.

3 Filosofia da mente numa perspectiva interdisciplinar

A inteligência artificial quis produzir máquinas pensantes, a neurociência quis fotografar a consciência, localizando-a num ponto específico do cérebro. Produzir máquinas pensantes seria uma forma de mostrar em que sentido pensamento poderia surgir da matéria, se esta fosse adequadamente organizada. Fotografar a consciência seria afirmar que esta é um fenômeno cerebral, pois teria correlatos neurais. Nenhum desses projetos parece se encaminhar para um sucesso pleno e o problema mente-cérebro parece se manter recalcitrante no horizonte tanto da filosofia como da ciência contemporâneas.

Sustento que não são raízes teóricas nem o movimento da história das ideias que nos faz chegar ao problema mente-cérebro. Este, como já afirmei, é um problema cotidiano, um problema que se origina e termina na nossa *Ur-Arché*. De onde surge o problema mente-cérebro se considerarmos nosso horizonte cotidiano?

O mental se nos apresenta como etéreo, diáfano e indestrutível – como se a matéria que nos cerca não fosse também indestrutível. Encontramos aqui, já numa primeira aproximação, um dos primeiros paradoxos envolvidos na nossa concepção habitual de mentalidade. Não podemos destruir o mental da mesma maneira que não podemos destruir um fragmento de matéria. Mas não será o mental, que se julga habitualmente indestrutível, mais suscetível à destruição do que a matéria? Certamente não podemos destruir um triângulo, ou melhor, o conceito de um triângulo. Mas não haveria conceitos que já teriam desaparecido por não serem mais concebidos por ninguém? Da mesma maneira que Platão

nunca poderia saber o que era um microcomputador para achar sua ideia no seu céu ideal, um jovem já não sabe o que é um carburador e rapidamente este conceito irá desaparecer, assim como o de flogisto já foi sepultado há séculos.

Admitir a existência da mente choca-se com nossa confortável fé perceptiva habitual. Esta seria irreconciliável com o reino do invisível para o qual o mental nos convida a adentrar. O mental convida-nos a ingressar numa espécie de ontologia do invisível, do diáfano, estabelecendo um corte na nossa percepção do mundo. É esta ontologia do invisível que promove uma aliança secreta entre a tese da imaterialidade da alma e as religiões universais.

A alma é eterna porque é imaterial, isto é, não se decompõe. Da mesma forma, Deus é eterno e, por isso, imaterial. Daí a aproximação entre deuses e a alma, que leva a um dualismo mente-matéria presente em quase todas as religiões.

Qual a origem desta fratura perceptiva da qual se origina o problema mente-cérebro e, com ele, quase todos os problemas enfrentados pela filosofia da mente? Sustentamos aqui que a origem deste problema está na própria natureza da psicologia popular. Contudo, esta não pode ser eliminada e, mesmo que o fosse – por hipótese – isto não implicaria necessariamente na dissolução destes problemas. Posicionamo-nos, assim, contra Ryle e contra o materialismo eliminativo. A psicologia popular não pode ser eliminada por ser uma teoria robusta, embora se nos apresente como fragmentária. Uma teoria falsa, mas cujas consequências são verdadeiras.

A essência da psicologia popular é a contradição. Por exemplo, nela concebemos o mental como sendo

privado e causalmente inócuo – tudo se passaria como se fosse possível que este ocorresse fora do mundo. É assim que o mental, ou sua fenomenologia apreendida pela nossa psicologia popular se apresenta. O paradoxo é que o pensamento não poderia mudar o mundo, mas poderia e deveria ocasionar a ação, o movimento muscular. A consciência é inútil, mas ao mesmo tempo nos causa úlceras e outras doenças psicossomáticas.

Sobre essas estranhas crenças ergue-se a dúvida de se mente e cérebro seriam a mesma coisa, uma dúvida para a qual buscamos uma resposta racional e que parece se agravar pelo fato de que nosso pensar não inclui nele os mecanismos cerebrais que o produzem. Essa inacessibilidade faz com que o mental se apresente para nós como independente de tais mecanismos ou independente do corpo que lhe é subjacente. Daqui surgiria uma ilusão inevitável da imortalidade da alma ou de que a mente deverá persistir no tempo mesmo depois que o corpo que lhe dá suporte seja destruído. A ideia da imortalidade do mental se apresenta como uma ilusão inevitável, uma ilusão que seria gerada pelo *sentimento* da imortalidade da mente – sentimento que se traduz na impossibilidade de concebermos o fim da experiência consciente, que nos é, rigorosamente falando, tão inconcebível quanto uma proposição logicamente paradoxal.

A ideia cotidiana de causação mental onde o mental é concebido como oposto ao físico fazem parte do universo da psicologia popular. Paradoxalmente, o problema da causação mental surge do pressuposto da inércia da consciência, um pressuposto que caminha paralelamente ao da distinção entre mente e consciência. Estas dúbias teorias do poder causal do mental e da

distinção entre mente e consciência seriam apenas um exemplo de assimetrias paradoxais típicas da psicologia popular, uma teoria fragmentária por comportar proposições mutuamente contraditórias.

Penso que estas contradições que não levam ao abandono da psicologia popular: são apenas sintomas de sua paraconsistência. A paraconsistência deve ser entendida aqui num sentido amplo, como a ideia de um sistema de proposições que não implode ao chegar a proposições contraditórias, nem tampouco assume que de uma contradição qualquer proposição se segue, como ocorre na lógica tradicional. É por isso que a psicologia popular tem se mantido como um patrimônio evolucionário insuperável, o patrimônio de uma teoria útil porque mesmo sendo incorreta continua sendo usada. Neste sentido as tentativas de elimina-la feitas por filósofos da linguagem contemporâneos e pelos materialistas eliminativos não passam de pequenas bravatas.

As contradições da psicologia popular em vez de implodi-la nos devolvem ao solo da prosa originária da nossa *Lebenswelt*, ou seja, aquém das contradições encontramos um sistema robusto que se mantém, por ser anterior à análise lógica que podemos fazer das proposições dessa teoria a que chamamos de psicologia popular. Esta estaria inextricavelmente ligada ao solo último de onde brotam todas as nossas significações, e uma delas, fundamental, constitutiva de nossa *Ur-Arché* seria a fratura entre o físico e o mental.

Se o problema mente-cérebro se origina e também termina na psicologia popular, ele não poderá ser nem eliminado nem dissolvido – para infelicidade de Ryle e dos Churchlands. Que podemos então dizer acerca dele? A

que tipo de análise ele se presta? Cabe-nos fazer dele aquilo que chamarei de uma análise externalista radical ou cognitiva desse problema. Para começar, sua verdadeira dimensão reside em sua concepção como um tipo de comportamento verbal. Cabe-nos perguntar em que contexto ele ocorre e quais variáveis controlam sua enunciação – provavelmente ele é um comportamento verbal semelhante ao daqueles atormentados por assombrações ou que padecem de mal-estar metafísico recorrente. A filosofia da mente, ao procurar tratar o problema mente-cérebro como problema filosófico parece ter sucumbido à tentação senso comum de compreendê-lo numa perspectiva de primeira pessoa, rechaçando, imperceptivelmente, a perspectiva de comentá-lo situando-o no contexto em que ele aparece – e reaparece.

Enfrentar o problema mente-cérebro como sendo um problema filosófico significa sucumbir a um implícito internalismo. Significa aceitar sua legitimidade e coerência antes de tratá-lo como um problema cognitivo. Seria o mesmo que um psiquiatra querer conversar com os demônios descritos pelo seu paciente em vez de tentar saber quando e em que circunstâncias eles são alucinados (ou perguntar ao paciente qual é o sexo deles..).

É a ciência cognitiva que deve nos dar a chave para resolver o problema mente-cérebro e não a resolução deste que deve servir de fundamento ou ponto de partida para uma ciência da mente. Em outras palavras, operamos aqui uma inversão: o problema mente-cérebro não deve fornecer fundamento para a psicologia e, sim, tornar-se um problema a ser investigado por esta última. Esta é a verdadeira ideia da ciência cognitiva como epistemologia naturalizada, como capítulo da psicologia que pode se voltar sobre si mesma sem temer sucumbir ao seu próprio

peso.

Esta é, também, uma ideia essencialmente pós-moderna onde se abandonam pretensões fundacionalistas para a filosofia e seus problemas tornam-se objeto de investigação científica. É a inteligência artificial e a ciência cognitiva que poderão resolver problemas filosóficos e não vice-versa. Não significa isto, porém, assimilar os problemas filosóficos a problemas de ciência positiva, mas tratá-los a partir de um conhecimento meta-científico proporcionado pela ciência cognitiva. A meta-descrição do mundo é aquela que engloba as próprias descrições que dele fazemos. Esta meta-descrição abriu caminho para que nossos experimentos mentais se tornem efetivamente testáveis. O mundo da simulação computacional traz para a filosofia a possibilidade de estabelecer parâmetros para a imaginação – como uma vez já foi sugerido pelo filósofo americano Daniel Dennett.

4 Considerações Finais

O problema mente-cérebro, no século XXI, reaparece como expressão de nosso mal-estar na cultura científica. Ele se torna particularmente inquietante na medida em que constatamos que a descrição do mundo físico em termos inteligíveis para nossa fé perceptiva tornou-se uma impossibilidade. O problema da imagem científica do mundo é precisamente o fato de deste não podemos mais fazer imagem alguma. O mundo está povoado de entidades contra intuitivas ou contra perceptivas. O primado da percepção não consegue mais acomodar em sua descrição do mundo algo como, por exemplo, os objetos materiais que nos cercam por contraposição ao vácuo, este vilão ao qual nunca foi

possível, historicamente, atribuir uma ontologia plena. A mesma falta de uma ontologia plena que não nos permite que a um buraco – esse algo definido como intervalo entre dois objetos físicos – atribuamos qualquer cidadania ontológica. Mas é talvez neste interstício, nessa ontologia esvaziada, junto com entidades como o vácuo e os buracos que tenhamos de situar o mental se quisermos ainda encontrar uma fratura entre o físico e o mental.

Convivemos hoje com uma situação particularmente interessante, onde a ciência produz sentenças com referência, mas sem sentido, como ocorre, sobretudo na mecânica quântica. Por outro lado, o que pode nos confortar nessa situação, é a constatação de que a ciência ainda tropeça com a insuperabilidade da linguagem antropomórfica – termos muitas vezes oriundos da psicologia popular – e que ainda incorpora vocábulos mentalistas inelimináveis, como consciência, auto-organização, etc. Até mesmo a descrição do funcionamento de uma máquina de Turing é feita em termos humanoides. Estamos em casa, porque, aliás, nunca saímos dela. O problema é que cada vez menos parecemos nos aperceber disto. Aliás, estamos sempre de volta a nossa casa, ao solo confortável de nossa fé perceptiva *folk* psicológica, que reforça o autoengano agradável proporcionado pela nossa percepção.

A referência a causas finais tem incomodamente feito uma reaparição no discurso científico contemporâneo, quase sempre pela porta dos fundos, lembrando-nos de que não podemos abandonar nosso próprio lugar no universo. Nossa última cartada seria reduzir, no caso das ciências do cérebro, termos mentalistas recalcitrantes a entidades neurocientíficas para garantir-nos a sensação confortável do triunfo da

ciência positiva. Ciência que é sempre antropomórfica como é o caso, por exemplo, daqueles que falam em ritmo de ondas cerebrais. É claro que o cérebro não tem um ritmo, pois é ele que produz o ritmo das oscilações cerebrais. Dizer que estas têm um ritmo é certamente uma interpretação intencional (com *c* e com *s*).

É preciso sempre tomar cuidado para não cairmos na tentação da análise filosófica, internalista e em primeira pessoa que assume, de primeira mão, que o problema mente-cérebro é um problema filosófico, conceitual, que pode ser tratado independentemente de suas bases cognitivas e do comportamento que o produz. Hoje em dia a fratura entre o perceptivo e o mental nos é dada pela ideia de virtual – uma ideia que também faz parte do mal-estar causado pela falta de imagem científica do mundo. Falar de uma ontologia do virtual é a forma pós-moderna de reescrever o problema mente-cérebro, insistindo na possibilidade da existência de mentes descorporificadas.

O virtual contribui cada vez mais para nos arrancar do conforto de nossa visão estereoscópica do mundo, de nossa visão holográfica. Mais do que isto, o virtual acentua a fratura entre percepção e mundo mental, na medida em que ele nos insere no sonho lúcido de que nos fala La Berge e que foi magnificamente retratado no filme *Vanilla Sky*, dirigido por Cameron Crowe em 2001. Pela simulação da ubiquidade o virtual gera a ilusão de acharmos que ele existe fora de nossos cérebros. Esta é talvez a maior peça ideológica que o mundo pós-moderno quer nos pregar. Não existe mundo do virtual, da mesma maneira que Sartre nos dizia que a principal característica do mundo da imaginação é precisamente ele não constituir um mundo.

Livrar-nos desta e de outras peças ideológicas será

o caminho para chegarmos a uma convivência mais pacífica com o problema mente-cérebro. É esta convivência, contrariamente à obsessão por resolvê-lo, este incessante pugilismo conceitual que tem sido a filosofia da mente até agora, que constituirá o horizonte para concebermos o problema mente-cérebro no século XXI.

Referências

CASATI, R.; VARZI. **Holes**. Cambridge: MIT Press, 1994.

DENNETT, D. **Brainstorms**. Cambridge: MIT Press, 1978.

HARRISON, H.; MINSKY, M. **The Turing Option**. New York: Mass Market Paperback.

RYLE, G. **The Concept of Mind**. New York: Barnes and Noble, 1949.

TEIXEIRA, J. de F. **Filosofia da Mente: Neurociência, Cognição e Comportamento**. São Carlos: Claraluz, 2005.

João de Fernandes Teixeira

É um dos pioneiros dos estudos em Filosofia da Mente no Brasil. É bacharel em Filosofia pela USP, mestre em Filosofia pela UNICAMP, Ph.D. pela University of Essex (Inglaterra), e pós-doutor pela Tufts University (Estados Unidos), tendo como orientador Daniel Dennett. Lecionou na UNESP, na UFSCar e na PUC-SP.

E-mail: jteixe@terra.com.br

Submetido: 01/03/2020

Aprovado: 27/03/2020